

## AS CONCEPÇÕES DE VERDADE NO PENSAMENTO FILOSÓFICO

Allisson Cândido Modesto da Silva<sup>1</sup>  
Elias Zanateli<sup>2</sup>  
Milton César de Assis<sup>3</sup>  
Robione Antonio Landim<sup>4</sup>

### RESUMO

O presente trabalho pretende abordar três concepções de verdade presentes ao longo do pensamento filosófico. Trata-se de apresentar, no primeiro momento, a verdade entendida a partir da filosofia platônica, enquanto contemplação do real. Em seguida, tomando o pensamento de Descartes como referência, será apresentado o sentido de verdade como adequação do intelecto ao real. Por fim, será tematizada a noção de Heidegger de verdade, compreendendo-a como des-velamento (*Aletheia*) do sentido do ser. O propósito dessa explanação consiste em nos conduzir para um aspecto mais originário da verdade, isto é, o que a noção de verdade como contemplação e como correspondência pressupõem.

Palavras-chave: Verdade. Platão. Descartes. Heidegger.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente artigo é resultado do projeto de Extensão do CES/JF intitulado *Aletheia*. Tal projeto se propôs apresentar temas filosóficos num programa da Rádio Catedral 102,3 FM. Entre tantos outros assuntos abordados nesse canal, destacamos os sentidos de verdade no pensamento filosófico. Desse modo, este trabalho é um desenvolvimento daquela apresentação. Nosso objetivo aqui consiste não só apresentar historicamente as concepções de verdade presentes em Platão, Descartes e Heidegger, mas oferecer uma reflexão segundo a qual seja possível explicitar uma dimensão ainda mais

---

<sup>1</sup> Discente do Curso de Filosofia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: allissonmusicas@hotmail.com

<sup>2</sup> Discente do Curso de Filosofia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: zanatelielias@hotmail.com

<sup>3</sup> Discente do Curso de Filosofia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora – CES/JF. E-mail: miltoncesarassis@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Docente do Curso de Filosofia do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora. E-mail: ralandim@yahoo.com.br

originária da verdade. Essa dimensão originária ganha expressão filosófica na interpretação de Martin Heidegger, segundo a qual a verdade (*Aletheia*) é marcada por uma dinâmica de velamento e des-velamento. Ou seja, ela nunca será contemplada de maneira clara e distinta plenamente, como pensavam as perspectivas platônica e cartesiana. Vale destacar que nessa discussão não se busca estabelecer qual a interpretação é a mais correta. Mas apresentar o aspecto originário da verdade.

## 2 VERDADE COMO CONTEMPLAÇÃO

Quando se pergunta sobre uma filosofia de qualquer filósofo, está se perguntando sobre o que possibilita aquele pensamento ser constituído ou classificado como filosófico. A questão é muito simples: o que faz uma sabedoria filosófica ser diferente de uma sabedoria religiosa, científica ou do senso-comum? A resposta é paradoxal, pois a resposta primária é simples, mas o objeto de busca dessa resposta é complexo. O que faz uma filosofia sê-la é a pergunta pelos elementos primários que constitui o pensamento e que o possibilita sê-lo, isto é, a pergunta pelos princípios.

A filosofia platônica é uma sabedoria que busca compreender os princípios das coisas e o que faz estas coisas serem o que são, e como o ser cognoscente é capaz de sê-lo. O nome filosofia já traz uma estrutura semântica, pois vem do grego que significa amizade ou amigo da sabedoria. Uma das questões que se levanta a princípio para a constituição de um pensamento filosófico é: se a sabedoria é o mesmo que verdade. Pois ao se perguntar pela sabedoria, o ser cognoscente quer saber se esta é a verdadeira ou não, pois se não o for, ele continuará a busca. Assim, antes de um filósofo saber o que é sabedoria, ele procura saber o que é a verdade.

Assim, é necessária a busca pela verdade das coisas, ou a verdade em si mesma. Platão expõe, em seus textos, sua ideia de verdade diluída em diversas circunstâncias de seus diálogos. Porém, a passagem em que narra o mito da caverna é bastante singular, pois nela ele estabelece de maneira

simbólica aquilo que acontece com o espírito humano ao buscar pela verdade. Desta maneira, é possível destacar três estágios principais do mito: o da prisão, o da libertação e o da contemplação. Antes de tudo, cabe narrá-lo.

Platão, em seu diálogo **A República** (2014), através de Sócrates, narra uma história sobre alguns homens presos em uma caverna. Sócrates, neste diálogo, diz a Gláucon, de maneira simbólica, como o ser humano se liberta da ignorância. Num primeiro momento, ele diz:

“Em seguida”, eu disse, “compara o efeito da educação e da sua falta na nossa natureza a uma experiência como a seguinte: imagina seres humanos habitando uma espécie de caverna subterrânea, com uma longa entrada acima aberta para a luz e tão larga como a própria caverna. Estão ali desde a infância, fixados no mesmo lugar, com pescoços e pernas sob grilhões, unicamente capazes de ver à frente, visto que seus grilhões os impedem de virar suas cabeças. Imagina também a luz de uma fogueira acesa a certa distância, acima e atrás deles. Também atrás deles, porém num terreno mais elevado, há uma vereda que se estende entre eles e a fogueira. Imagina que foi construído ao longo dessa vereda um muro baixo, como anteparo diante de manipuladores de marionetes acima do qual eles os exibem” “Eu o estou imaginando” “Então também imagina que há pessoas ao longo do muro, carregando todo tipo de artefatos que são erguidos acima do nível do muro: estátuas de seres humanos e de outros animais, feitas de pedra, madeira e todo material. E, como seria de esperar, alguns desses carregadores conversam, ao passo que outros estão calados” (PLATÃO, 2014, p. 289).

Na passagem acima, Platão destaca a constituição da caverna em que estão os prisioneiros. A intenção do autor é mostrar, de maneira simbólica, como os homens se encontram fechados diante da verdade. O filósofo diz que os prisioneiros estão vendo as sombras projetadas, acreditando serem as formas verdadeiras das coisas. Os prisioneiros não tem a capacidade de ver que aquilo que eles contemplam é apenas o reflexo de uma imagem. Platão, mais a frente, vai destacar que eles associarão os sons emitidos por quem carrega os artefatos com os próprios artefatos. Assim, além de não contemplarem as realidades verdadeiras, eles fazem associações falsas.

O filósofo grego quer mostrar que o objetivo da educação para a filosofia é fazer com que o indivíduo saia deste estado de prisão. Ver as imagens refletidas no fundo da caverna significa enxergar as aparências das coisas deste mundo e não buscar conhecer o que as coisas são em suas últimas consequências e em seus últimos e primeiros princípios. Assim, Platão narra o processo de libertação.

Considera, então, de que caráter seria a libertação dessas correntes e a cura dessa ignorância se algo assim acontecesse: quando um deles fosse libertado e subitamente obrigado a levantar, virar a cabeça, caminhar e – erguendo o olhar – fitar a luz, experimentaria dor devido à ofuscação da vista e ficaria incapacitado para ver as coisas cujas sombras vira antes. O que achas que ele diria se nós lhe disséssemos que o que vira antes era tudo ilusão, mas que agora, estando ele mais próximo da realidade e voltado para as coisas mais reais, ele vê mais verdadeiramente? Ou, formulando-o de outra maneira, se apontássemos para cada uma das coisas que passam diante de seus olhos e lhe perguntássemos o que é cada uma delas e o constrangêssemos a responder, não achas que ele ficaria confuso e que acreditaria que os objetos que havia visto antes eram mais reais do que os que agora lhe eram mostrados? (PLATÃO, 2014, p. 290).

Platão narra, no texto acima, o processo de libertação de um prisioneiro. Dispensando os elementos periféricos, é possível destacar quatro elementos importantes. O primeiro é o auxílio fundamental da luz para que o prisioneiro pudesse enxergar o que havia de diferente, pois “a verdade é luz e, portanto, se revela como a luz, que sempre nos envolve e nos circunda” (REALE, 1999, p. 73). O segundo vem atrelado à luz. O prisioneiro não estava adaptado com a luz e, por isso, não conseguia ver as coisas direito. O terceiro elemento é o fato de Platão destacar formas de conhecimento da realidade, da menos verdadeira e mais falsa até a verdadeira. “A visão das sombras simboliza a *eikasía* ou imaginação e a visão das estátuas representa a *pístis* ou a crença” (REALE; ANTISERI, 2012, p. 168). O quarto elemento é, que à medida que o prisioneiro caminha para fora da caverna, ele se aproxima da realidade e da verdade.

Platão começa a destacar que a libertação das algemas da ignorância não é uma tarefa simples e fácil. Primeiro porque requer um trabalho demorado. E segundo a realidade humana precisa se adaptar à realidade diferente, pois o espírito humano se encontra longe daquela realidade. O fato de se viver na sombra causa dor ao se aproximar da luz do conhecimento. Gerd Alberto Bornheim (1998) chamará isso de experiência negativa do filosofar. Ele diz que o mundo das sombras é aquele que os homens estão “voltados para a ação, ocupados com as coisas” (BORNHEIM, 1998, p. 70). E acrescenta sobre o processo de libertação e o objetivo de se ver o sol: “longe de ser fácil, supõe um processo de acesso lento e doloroso, de libertação progressiva das cadeias do mundo das sombras” (BORNHEIM, 1998, p. 70).

Ao fazer tal caminho epistemológico, podem-se destacar alguns elementos, antes de passar para a narração da saída da caverna: o caminho para a verdade é vagaroso e doloroso, pois é necessária uma adaptação do homem, em relação à luz e às novas coisas conhecidas; e a realidade fora da caverna é um todo muito maior que a caverna, o que faz com que o homem tenha que unificar toda a realidade em uma unidade, não necessariamente unívoca, mas que se ligue totalmente, não sendo possível sua compreensão total através das partes, mas que se mantenha, de certa forma, independente das demais (REALE, 1999).

O próximo caminho platônico é destacar a saída da caverna. Esta, como já foi dito, é difícil e dolorosa. Platão diz que depois da saída da caverna, algumas coisas são necessárias para o ex-prisioneiro.

Suponho, então, que ele precisaria de tempo para adaptar-se até poder ver coisas no mundo superior. No começo veria sombras facilmente, depois imagens ou reflexos de homens e outras coisas na água, e posteriormente as próprias coisas, e, a partir disso, se capacitaria a perscrutar as coisas celestes e o próprio céu, mais facilmente à noite, fitando a luz das estrelas e a lua, do que de dia, fitando o sol e a luz deste.’ ‘Exatamente.’ ‘Finalmente, suponho, se capacitaria a ver o sol, não seus reflexos na água ou em algum outro ponto, mas o próprio sol em seu próprio posto, se tornando capaz de perscrutá-lo (PLATÃO, 2014, p. 291).

Neste último ponto, o da contemplação, Platão destaca a adaptação à realidade nova. Esta ideia de adaptação traz a ideia de verdade em Platão. A realidade como ela é em si mesma não é nem verdadeira e nem falsa, pois ela é o que é. Porém, a contemplação da realidade superior é que constitui a verdade. Por isso, que a realidade não precisa que o homem emita juízo a respeito de si, mas apenas se adapte, isto é, coloque seu intelecto em consonância consigo e contemple seus todos seus elementos e sua unidade.

Giovanni Reale e Dario Antiseri (2012) dizem que o estágio final da libertação do prisioneiro consiste na intelecção pura. A intelecção pura pode ser resumida na contemplação da realidade eidética em si, isto é, como ela é e se dá para o ser cognoscente. A contemplação eidética é tida como a principal, pois a verdade é o ser das coisas (REALE, 1999). A contemplação do Sol, descrita na passagem, é a finalidade do homem e da filosofia, pois o sol ali é uma referência ao Bem Absoluto. Assim, a contemplação, isto é, a verdade, em Platão, corresponde a um rearranjo da existência humana para se adaptar ao Bem Absoluto.

Por fim, o que se pode destacar na filosofia sobre a verdade, em Platão, pressupõe um processo de ascendência e ascese, pois o homem precisa mudar para poder contemplar a realidade. Este processo ascético é doloroso e faz com que a experiência da filosofia seja vista como negativa. E a verdade não é tratada como o que é considerado como verdade, mas aquilo que se dá ao homem e o que este contempla do que lhe foi dado. Deste modo, a verdade está para além das ideologias, pois estas não buscam assumir a realidade, mas forçar a realidade a se adaptar ao homem. O verdadeiro, nessa perspectiva, é a manifestação daquilo que é ou existe tal como é. Ele se torna plenamente visível para a razão.

No entanto, a partir da modernidade, especialmente com Descartes (2000), a verdade é tomada enquanto certeza. Ou seja, ela se refere à precisão, ao rigor e à exatidão de um relato sobre os fatos. Esta é a

compreensão mais corrente. Sobre essa compreensão abordaremos no tópico seguinte.

## 2.1 VERDADE COMO CERTEZA

O novo mundo, o mundo da modernidade, tem sua gênese no século XVII. A marca essencial desse século é a crise das bases do pensamento do mundo antigo e sua desconstrução, e a configuração de um novo, não muito definida ainda. Colocando em dois quadros, em um lado podemos situar os pensadores que não acreditavam ser possível conhecer, verdadeiramente, alguma coisa, e do outro lado àqueles que, acreditando no potencial da razão, se fiaram nela para buscar novas referências para a construção de um novo conhecimento. Do lado daqueles que acreditavam no poder da razão situamos René Descartes, considerado o pai do pensamento moderno.

A necessidade de um método para orientar a razão é de suma importância para René Descartes no processo para alcançar a verdade. Na sua obra **Discurso do Método** reconhece que há a possibilidade de se desenvolver um conhecimento verdadeiro, esta era sua proposta frente à crise. Este conhecimento se dá, em Descartes, após a descoberta de um princípio onde se apoiará toda a evolução do seu pensamento. Tal princípio deve ser considerado indubitável e evidente, permitindo, desse modo, elevar seu conhecimento sobre as coisas. O pensador reconhece que o intelecto humano é capaz de alcançar a verdade, e este alcança bom êxito e se expande quando se vale de um método para o conduzir.

[...] penso ter tido muita felicidade de me haver encontrado, desde a juventude, em determinados caminhos que me levaram a considerações e máximas, por meio das quais formei um método, pelo qual me parece que eu consiga aumentar de forma gradual meu conhecimento e de leva-lo, pouco a pouco, ao mais alto nível, a que a mediocridade de meu espírito e a curta duração de minha vida lhe permitam alcançar (DESCARTES, 2003, p.14).

O trabalho de Descartes, em se tratando da busca pela verdade, se inicia valendo-se da dúvida, que posteriormente possibilitaria chegar a um ponto onde o filósofo, frente à certeza tão evidente, não conseguiria mais negá-lo. Resistindo à dúvida, o fundamento ao qual chegará se tornará a base para a nova ciência, para o conhecimento verdadeiro. O que resiste ao poder da dúvida consegue resistir a qualquer outra coisa, “Descartes quer sacudir as águas estagnadas da consciência tradicional, quer que se perceba o peso fecundo da dúvida, para que possa emergir algo mais autêntico e seguro” (REALE; ANTISERI, 2012, p. 366).

Se todo o trabalho de Descartes visa estabelecer um ponto indubitável para desenvolver sua filosofia, qual seria este ponto, e em que ele é importante para o seu conceito de verdade? A certeza fundamental em que Descartes chega é a do “eu penso, logo existo”. Isso é absolutamente verdadeiro, pois Descartes argumenta que não se pode duvidar de que existimos enquanto duvidamos (DESCARTES, 2002), e que quando se filosofa com ordem, sobre a orientação de um método, a primeira certeza alcançada é esta. Descartes entende como pensamento “todas aquelas coisas que, estando nós conscientes, ocorrem em nós, na medida em que há em nós uma consciência delas” (DESCARTES, 2002, p. 27). A clareza do “eu” para o próprio sujeito, não admite qualquer dúvida, isso explica porque clareza é o pressuposto fundamental para se chegar à verdade. Esta é uma intuição pura e não um raciocínio puramente silogístico (REALE; ANTISERI, 2012). A existência é percebida enquanto se pensa e todo homem está consciente disso, no ato de pensar a existência é evidenciada; pensamento e ser se equivalem. Não se conclui que esta primeira certeza é sólida pelas regras do silogismo lógico, mas porque ela se apresenta sobre os pressupostos de clareza e distinção. Descartes, aplicando as regras do seu método, chega a primeira e mais fundamental verdade de sua pesquisa, a do “*cogito ergo sum*” (Penso, logo existo).

Clareza e distinção se tornam os traços típicos da verdade. Deste modo, o conhecimento verdadeiro emerge do sujeito que pensa, pois é nele que a clareza e distinção se encontram, na consciência racional (REALE; ANTISERI, 2012). A verdade, para Descartes, requer tais exigências como as que foram citadas acima, clareza e distinção. Se algum enunciado reflete tais exigências, este é verdadeiro. Se alguma coisa reflete tais exigências, esta é verdadeira.

Considerando o pensamento cartesiano, a verdade está totalmente dependente do sujeito porque é nele que está todo o assentamento de evidencia. Essa nova razão não se fundamenta num pressuposto exterior dado como verdadeiro, como a *physis*, dos pré-socráticos, a *Ideia*, e Platão, etc., mas sim na autonomia do sujeito pensante. A metafísica antiga se preocupa em compreender o ser e defini-lo em bases conceituais, e o conhecimento verdadeiro acerca desse ser está para além da realidade sensível. Em Platão, como já apresentado, a verdade está eternamente no mundo supra-sensível, e que com os olhos da razão se deve contemplar a luz do sol, luz que revela todo o conhecimento verdadeiro do ser como origem.

Com isso queremos destacar que a verdade, na perspectiva da metafísica antiga, é independente do sujeito, ela é marcada por um reconhecer algo que o precede. Já em Descartes a verdade é uma invenção originária do sujeito. A perspectiva de Descartes exclui tudo aquilo que tira a autonomia do sujeito no processo da busca pela verdade. Aqui não se busca nenhuma referencia pra além da razão do sujeito, tudo o que é verdadeiro assenta-se na razão e no método (BITENCOURT, 2017).

Sendo assim, como poderíamos compreender o que é a verdade em René Descartes?

Com Descartes, o espírito conquista sua autonomia, tomando consciência de si, cria as condições necessárias para que o sujeito possa afirmar o conhecimento verdadeiro sobre todas as coisas. [...] o sujeito torna-se o sujeito da verdade, [...] tornou-se independente, trouxe para si a total responsabilidade de produzir a verdade no mundo (BITENCOURT, 2017, p. 55).

Considerando a citação sobre o pensamento de Descartes o sujeito se torna aquele que constrói e valida o saber verdadeiro. O sujeito passa a ser o possuidor da natureza e das coisas. Sendo possuidor da natureza, tudo aquilo que desejar conhecer ou representar de verdadeiro nessa natureza, deverá encontrar sua objetividade no sujeito. Toma-se como verdadeiro tudo aquilo que objetivamente corresponde às exigências de clareza e distinção do *cogito*. A verdade é marcada pela clareza e distinção, a clareza entendida como aquela que oferece matéria para um senso indubitável, uma coisa é clara quando é “presente e manifesta para uma mente atenta” (BYZON; KAMBOUCHNER, 2010). A verdade implica o assentimento da razão, dos conteúdos claros e distintos. Noutras palavras, algo é considerado verdadeiro quando aquilo que eu enuncio corresponde à coisa que eu me refiro. O problema deste sentido de verdade é assumir o ser como dado e evidente, reduzindo a linguagem como mero veículo de reportar ao que se apresenta diante. Nesse caso, a verdade é entendida como o juízo correto, na medida em que corresponde com o já dado e evidente.

Porém, há outra forma de compreender a noção de verdade que resgata o seu aspecto originário. Para este trabalho, a perspectiva heideggeriana se destaca, na medida em que busca questionar a verdade como adequação do enunciado à coisa. Acerca do sentido de verdade em Heidegger veremos logo a seguir.

## 2.3 VERDADE COMO ALETHEIA

Martin Heidegger (1889-1976), filósofo alemão, procura recuperar certa noção de verdade como desvelamento (*Aletheia*). Segundo Heidegger, esse aspecto da verdade é possível ser encontrado já em Platão, mesmo que a verdade como correspondência tenha se tornada absoluta na história do pensamento filosófico. Porém, em Platão, a verdade se mostra totalmente. Ao

sair da caverna, como visto no primeiro tópico deste artigo, o filósofo contempla a realidade em sua totalidade, como total clareza e distinção.

Entretanto, Heidegger, ao buscar um aspecto mais originário da verdade, vai concebê-la enquanto marcada por uma dinâmica de estar escondida e se mostrar, portanto, nunca se revelando completamente em sua totalidade. Antes de emitir qualquer juízo sobre algo, é preciso que os entes se manifestem a mim (PIRES, 2008). A verdade em seu sentido mais originário (*Aletheia*), é abordada pelo filósofo contemporâneo Heidegger como a verdade do ser, resgatando assim, a noção de verdade dos antigos, compreendida como desvelamento, des-velar, clarificar.

Para chegar a essa compreensão originária de verdade, Heidegger retoma criticamente a sua noção tradicional. Para rever a investigação promovida pelo filósofo, adotamos como ponto de partida a seguinte afirmação, presente e em sua obra que diz:

“Três teses caracterizam a concepção tradicional da essência da verdade e a opinião vigente acerca de sua primeira definição: 1. O “lugar” da verdade é o enunciado (o juízo). 2. A essência da verdade consiste na “concordância” do juízo com seu objeto. 3. Aristóteles, o pai da lógica atribuiu ao juízo o lugar originário da verdade, como também colocou a definição da verdade como “concordância” em curso” (HEIDEGGER, 1988, p. 282).

Segundo a primeira tese, toda verdade é a verdade de uma proposição ou juízo. De acordo com a segunda tese, uma proposição ou juízo é verdadeiro ou falso se ele corresponde ou não ao estado de coisas do mundo, ou seja, se existe uma adequação entre as nossas proposições e os juízos e os objetos do mundo dos quais se referem.

Portanto, coloca-se a compreensão de verdade como concordância. Trata-se de uma noção tradicional, embora não a mais antiga, como frisa Heidegger. É ela a ideia de que a verdade “consiste na concordância (*omóiosis*) de uma enunciação (*lógos*) com o seu objeto (*pragma*). Mas é preciso investigar de *possibilidade intrínseca da concordância*. Tal inquirição se faz necessária porque, conforme Heidegger, “A essência pura da verdade já

não se encontra suficientemente explicitada por esta noção comumente válida” (HEIDEGGER, 2008, p. 194). Noutros termos, é preciso ainda proceder a um especial desvelamento da essência da verdade. Que proceder é esse?

Trata-se do sentido grego de verdade (*Aletheia*). O que isso significa? Considerando que *aletheia* é des-velar, desocultamento, a verdade é, pois, o que não está escondido, é o que se mostra. Mas para algo se mostrar ele precisa estar escondido. Heidegger compreende que o velamento é anterior ao desvelamento. Esta dinâmica de estar escondido e se mostrar caracteriza a noção de verdade em Heidegger. Para ele, a verdade nunca se dará de maneira clara e distinta, mas sempre será acompanhada de uma obscuridade. O ser nunca virá totalmente à luz. Portanto, sempre haverá algo do ser oculto, marcado pelo mistério. Antes de ser uma certeza indiscutível, a verdade se conquista no jogo oposto entre aquilo que se manifesta e aquilo que se oculta. Nesse sentido, a verdade não é jamais, em si, apreensível por si, mas necessita ser ganha no processo de “velamento” e “des-velamento”. O desvelamento é conseguido do encobrimento, em luta com ele.

Porém, isso não acontece quando a verdade é compreendida enquanto correspondência, já que qualquer exercício que busque priorizar a concordância acaba tomando a evidência como ponto de partida. Se verdade e não-verdade fazem parte de um só domínio, é indispensável tratar a relação recorrendo ao desvelamento.

No entanto, o que se observou na história do pensamento filosófico é que essa dimensão misteriosa, encoberta foi esquecida, tomando a verdade do ser como clara e distinta. Com isso, vale destacar, que Heidegger não está a negar o sentido de verdade como adequação e propondo que a sua perspectiva seja a mais verdadeira. Sua proposta é nos conduzir para o mais originário da verdade, o que a noção de verdade como adequação pressupõe.

## 3 METODOLOGIA

A metodologia do presente estudo se resume a uma investigação bibliográfica. Foram classificados dois tipos de referências: o primeiro diz respeito aos textos dos autores – fontes primárias - abordados na pesquisa (Platão, Descartes e Heidegger) e que estão arrolados nas referências bibliográficas. O segundo tipo refere-se a textos de autores – fontes secundária - que dialogam com a temática proposta, também estes são devidamente apresentados nas referências. Após o levantamento bibliográfico, as obras primárias e secundárias foram submetidas a leituras e fichamentos. Concomitantemente a esse processo foi realizada a redação desse artigo.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vivemos numa época marcada pela técnica, isto é, nos relacionamos com as coisas ao nosso redor de modo a interferir nelas. Afirmar isso significa compreender que a realidade em nossa volta encontra-se ao alcance de nossas mãos. Não só a realidade enquanto natureza constituída de rios, árvores, mas também no sentido que abarca as informações e notícias. Estas também sofrem manipulações e edições, favorecendo para a promoção do que hoje se chama de *Fake News*. Nesse contexto, a verdade tende a se tornar “aquilo que se considera verdadeiro ou que se faz com que seja considerado verdadeiro” (REALE, 1999, p. 67).

Mas, afinal, o que é a verdade? Geralmente tomamos como verdadeiro quando aquilo que eu enuncio corresponde à coisa que eu me refiro. Porém, há outra forma de compreender a noção de verdade que resgata o seu aspecto originário. Para este trabalho, a perspectiva heideggeriana se destaca, na medida em que busca caracterizar a verdade marcada por uma dinâmica de estar escondida e se mostrar, portanto, nunca se revelando completamente em sua totalidade. Antes de emitir qualquer juízo sobre algo, é preciso que os

entes se manifestem a mim. Este vir à luz é entendido por Heidegger de verdade (*Aletheia*).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentar as concepções de verdade que foram construídas ao longo do pensamento filosófico, bem como enfatizar aquela noção que recupera o seu aspecto originário se mostra atual, na medida em que o homem de hoje está convencido de que o importante é fazer com que seja considerado verdadeiro. Nessa perspectiva, estamos sujeitos a nos depararmos com as *Fake News*, pois, a verdade tendeu a se tornar aquilo que se considera verdadeiro.

Ademais, com essa discussão filosófica acerca do conceito de verdade abre-se um campo de reflexão e diálogo que atravessam o discurso filosófico. Tal espaço promovido pela atividade filosófica se mostra cada vez mais relevante, sobretudo no âmbito de uma estrutura social marcada pela apologia da alienação cultural e de uma visão que exalta determinadas áreas do saber por que, são consideradas garantias imediatas de progresso material, que dão prestígio, poder e fama. Nesse sentido, a atividade filosófica, marcada pela sua capacidade crítica de problematizar e (re) pensar os conceitos, de abandonar a ingenuidade e os preconceitos do senso comum, de buscar compreender a significação do mundo, da cultura, da história se faz cada vez mais urgente e necessária. Assim sendo, é importante registrar aqui quão importante e rico o espaço cultural que recebemos da Rádio Catedral 102, 3 FM para apresentarmos e discutirmos temas filosóficos por meio de um instrumento de comunicação de massa. Fica aqui o nosso agradecimento especial à instituição.

## ABSTRACT

### THE CONCEPTIONS OF TRUTH IN PHILOSOPHICAL THOUGHT

## IV SEMINÁRIO DE EXTENSÃO E PESQUISA

05 A 07 DE NOVEMBRO DE 2018



The present work intends to approach three conceptions of truth present throughout the philosophical thought. It is about presenting, in the first moment, the truth understood from the Platonic philosophy, as real contemplation. Then, taking Descartes' thought as a reference, the sense of truth will be presented as the adequacy of the intellect to the real. Finally, Heidegger's notion of truth will be thematized as an un-veiling (Aletheia) of the sense of being. The purpose of this explanation is to lead us to a more original aspect of truth, that is, what the notion of truth as contemplation and correspondence presuppose.

Keywords: Truth. Plato. Descartes. Heidegger.

## REFERÊNCIAS

BITENCOURT, Joceval Andrade. **Descartes e a invenção do sujeito**. São Paulo: Paulus, 2017.

BORNHEIM, Gerd A.. **Introdução ao Filosofar**: o pensamento filosófico em bases existenciais. 9. ed. São Paulo: Globo, 1998.

BYZON, Frédéric de; KAMBOUCHNER, Denis. **Vocabulário de Descartes**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

DESCARTES, RENÉ. **Meditações sobre a filosofia primeira**. Trad. Gustavo de Fraga. Coimbra: Livraria Almeida, 1976.

\_\_\_\_\_. **Princípios da Filosofia**. Lisboa: Edições 70, Ltda, 1997.

\_\_\_\_\_. **Princípios da Filosofia**. Trad. Guido Antônio de Almeida, Raul Landim Filho, Ethel M. Rocha, Marcos Gleizer e Ulysses Pinheiro. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

\_\_\_\_\_. **Discurso do Método**. Trad. Maria E. Galvão. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 1988.

\_\_\_\_\_. **Marcas do caminho**. Trad. Enio Paulo Giachini e Ernildo Stein; Revisão da tradução de Marco Antônio Casanova. Petrópolis: Vozes, 2008.

PIRES, Frederico Pieper. Heidegger e a superação da metafísica. In: MARASCHIN, Jaci; PIRES, Frederico Pieper (Org.). **Teologia e Pós-moderindade**: ensaios de teologia e filosofia da religião. São Paulo: Fonte Editorial, 2008, pp. 91-114.

PLATÃO. **A República**. Trad. Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2014.

REALE, Giovanni. **O Saber dos antigos**: terapia para os tempos atuais. São Paulo: Loyola, 1999.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia**: Antiguidade e Idade Média. 11. ed. São Paulo: Paulus, 2012.